

A leitura em *Formação da literatura brasileira* de Antonio Cândido¹

Marisa Lajolo*

Resumo

No podemos concebir como idónea una crítica literaria latinoamericana empeñada en el estudio aislacionista de nuestra literatura, desconectándola de las otras manifestaciones sociales. Más aún si tenemos en cuenta que nuestras producciones literarias han constituido en las últimas centurias testimonios, a menudo muy lúcidos, de la lucha contra los sucesivos poderes metropolitanos. Contribuir al conocimiento de la realidad latinoamericana para favorecer su independencia no es, pues, una función adicional de la crítica que consideramos consecuente, sino el resultado de su ejercicio pleno, puesto que analizar y explicar el sistema de relaciones existentes entre la obra y el contexto histórico social es parte fundamental de su objeto de estudio.

Palavras-chave: Leitura, Sistema literário.

Antonio Candido publicou a *Formação da literatura brasileira* em 1959, final de uma década particularmente rica para os estudos literários dentro e fora do Brasil.

Lá fora, os anos cinquenta do século XX leram Dámaso Alonso em seu belo livro *Poesía española. Ensayo de métodos y límites estilísticos* (1950), William Empson em *The structure of complex words* (1951), Roland Barthes no *Le degré zéro de l'écriture* (1953), os formalistas russos traduzidos para o idioma inglês por Victor Erlich (1955). Também em 1955, Lucien Goldman publicou *Le Dieu caché*; George Lukacs, *Der historische Roman* e Leo Spitzer, *Ode on a Grecian urn* (Content versus metagrammar). Um ano depois (1956), Eliot publica *On poetry and poets*; em 1957, Northrop Frye publica *Anatomy of criticism* e Ian Watt lançou

* Instituto de Estudos da Linguagem – Unicamp pesquisadora CNPq

¹ Texto publicado em Antonio Cândido (org. Jorge Ruedas de la Serna). Campinas Ed. Unicamp; SP:IMESP.2003. p 51-75. O livro ganhou o prêmio Jabuti 2004.

The rise of the novel. Finalmente, 1958 é o ano de publicação da *Sociologia da literatura*, de Escarpit.

Nos mesmos anos cinquenta, mas agora com olhos voltados para a produção literária brasileira,¹ Lucia Miguel Pereira abre a década publicando sua *Historia da literatura brasileira* (prosa de ficção : 1870- 1920)² e Otto Maria Carpeaux publica, em 1951, sua *Pequena bibliografia crítica da literatura brasileira*. Em 1952, Wilson Martins lança *A crítica literária no Brasil*, em 1954, Antonio Soares Amora publica *História da literatura brasileira* (séculos XVI-XX) e, em 1955, Afrânio Coutinho publica o primeiro volume de *A literatura no Brasil* (saindo em 1959 o último volume) e em 1956 Alceu Amoroso Lima publica a *Introdução à literatura brasileira*.

Como é nos anos trinta que se cria um curso superior de letras no Brasil, é possível imaginar um público específico para essa abundância de publicações brasileiras sobre literatura e mesmo o interesse editorial de obras voltadas para este público: a Faculdade de Filosofia da Universidade de São Paulo data de 1934, tendo sido antecedida apenas pela efêmera Universidade do Distrito Federal. O tema da brasilidade das letras de que se ocupa a bibliografia acima citada combina bem com um currículo de letras que organiza os estudos literários pela tradição da historiografia literária, recortando os estudos de literatura em nacionalidades, e no interior destas dispondo estilos e autores em seqüência cronológica³.

Essa é, pois, a tradição imediata

e o contexto institucional nos quais Antonio Cândido publica, em 1959, os dois volumes da *Formação da literatura brasileira*. Já na abertura do livro a noção de *sistema literário* é convocada e sobre ela o crítico constrói sua interpretação histórico-crítica da literatura brasileira, sendo esta a responsável, talvez, por algumas das polêmicas que envolvem o livro desde seu lançamento.

Para a teoria em função da qual se desenvolve esse conceito de *sistema literário*, literatura não pode ser concebida como (apenas) uma determinada categoria de textos tornados literários por traços que lhe são intrínsecos, ou seja: estabelecida a noção de *sistema literário* como fundadora e fiadora da literatura, o conceito do que é ou do que não é “literário” deixa de identificar-se exclusivamente como procedimentos internos ao texto.

Pode-se, assim, encontrar na *Formação da literatura brasileira* de Antonio Cândido uma *teoria da literatura*, teoria esta que se formula a partir e a propósito do *caso* brasileiro. Não obstante o caráter particular (e periférico) da situação (a brasileira) que inspira a reflexão de Antonio Cândido, a teoria daí decorrente pode perfeitamente constituir uma teoria literária *tout court*.

Em decorrência de aceitar-se a noção de *sistema literário* como condicionante da *literariedade* de um texto, a *literatura* passa a ser concebida como uma determinada categoria de textos que se tornam *literários* pela legitimação que recebem do sistema pelo qual circulam.

Esse conceito de *sistema literário* como instância essencial para a configuração da literatura já é bastante visível desde a primeira edição da *Formação da literatura brasileira* em cuja apresentação Antonio Cândido declara a necessidade de

[...] distingui[r] manifestações literárias de literatura propriamente dita, considerada aqui um sistema de obras ligadas por denominadores comuns, que permitem reconhecer as notas dominantes duma fase. Estes dominantes são além das características internas (língua, temas, imagens), certos elementos de natureza social e psíquica, embora literariamente organizados, que se manifestam historicamente e fazem da literatura aspecto orgânico da civilização. Entre eles se distinguem: a existência de um conjunto de produtores literários, mais ou menos conscientes de seu papel; um conjunto de receptores, formando os diferentes tipos de público, sem os quais a obra não vive; um mecanismo transmissor, (de modo geral, uma linguagem, traduzida em estilos), que liga uns a outros ⁴ (I, p. 25).

Aparentemente, desde a primeira edição do livro, este conceito de *sistema literário* foi intuído e interpretado como conceito-núcleo a partir do qual os leitores se posicionavam face ao texto e, assim, as distintas reações à *tese* que esse conceito sustenta talvez tenham sido os motivos que levaram Antonio Cândido a retomar a questão, três anos depois, no prefácio para a segunda edição da obra. Este novo prefácio é bastante sugestivo da interlocução algo polêmica que a obra teria deflagrado: ao dar acesso a apenas *uma* das vozes

da interlocução *autor/leitor* (a voz do autor que responde ao leitor da primeira edição), fica por conta dos leitores de versões posteriores à segunda edição da *Formação da literatura brasileira* a construção da outra voz (aquela à qual o crítico responde).

No prefácio à segunda edição, datado de novembro de 1962, Antonio Cândido argumenta em defesa da tese que instituíra no livro de três anos atrás:

Suponhamos que para se configurar plenamente como sistema articulado, ela [a literatura, ml] dependa da existência do triângulo “autor-obra-público”, em interação dinâmica, e de uma certa continuidade da tradição. Sendo assim a brasileira não nasce e claro, mas se configura no decorrer do século XVIII, encorpando o processo formativo que vinha de antes e continuou depois (I, p. 16).

É nesta perspectiva de um *processo formativo*, isto é, de um encorpamento progressivo da literatura brasileira, que se pode refletir sobre a importância da leitura nos estudos literários.

A reflexão começa assinalando que a tradição dos estudos literários com muita facilidade *apaga* até mesmo a simples necessidade de um tipo específico de *leitura* para a instauração da interação básica entre quem escreve um livro e quem lê este livro. O resultado deste *apagamento* é a perda de concretude, de objetividade e de historicidade daquilo de que se fala quando se fala de literatura. Só muito recentemente o leitor – por um longo tempo exilado dos estudos literários – reingressa na área, trazendo consigo a leitura.

Essa inclusão dos estudos da leitura

– sua teoria e sua história- nos estudos literários permite, por exemplo, indagar se as *Memórias póstumas de Brás Cubas* publicadas em fascículos pela *Revista brasileira* em 1880 é a mesma obra publicada em volume pela Editora Garnier em 1881. É? E esta, por sua vez, é a mesma obra publicada nos três volumes em papel-bíblia editados pela Aguilar e acrescida de poderoso aparato crítico? E essas *Memórias póstumas* são as mesmas das edições escolares editadas, por exemplo, pela Editora Ática ou pela Moderna? E as *Memórias póstumas* dessas coleções escolares são as mesmas que as incluídas como brinde de domingo de grandes jornais, ou as acessáveis em diferentes *sites* da internet?

Claro que não se trata da mesma obra, caracterizando-se, inclusive, sua alteridade para além das discrepâncias textuais tão competentemente assinaladas por Regina Zilberman, que compara a edição da obra em folhetim e em volume,⁵ ou seja, os distintos suportes de um mesmo texto produzem diferentes obras, já que patrocinam diferentes modalidades de interação com diferentes leitores. Cada uma das edições mencionadas constitui uma obra distinta. Em função da materialidade de sua produção, cada *versão editorial* tem efeitos de sentido diferentes, potencializando e multiplicando as divergências, já inevitáveis quando se trata de uma mesma edição de uma mesma obra lida por diferentes leitores. Esses diferentes efeitos de sentido fazem parte – talvez a parte mais substancial – da historicidade da obra.

Com base nesses pressupostos, reflexões sobre *leitura* no interior dos

estudos literários podem tornar-se sugestivas, iluminando modos de ser da literatura, desde sua formação enquanto início de uma prática social, até suas diferentes estratificações e manifestações.

Na *Formação da literatura brasileira* podemos encontrar a fundamentação teórica e epistemológica para a discussão da importância e da centralidade da leitura em questões de literatura : ao conceber a literatura como integração de autores, obras e públicos em um sistema articulado, não mais como uma pluralidade aleatória – ainda que cronologicamente próxima – de autores e obras, concebidos como independentes de uma articulação socialmente visível em um sistema, a *Formação* permite que se tome a leitura como um implícito.

Não é difícil, e pode inclusive ser vantajoso para todos os lados, articular à noção de sistema literário formulada por Antonio Cândido em 1959 alguns elementos que certas vertentes dos estudos literários contemporâneos incluem nas especulações sobre literatura, como, por exemplo, a intertextualidade, a recepção, as instituições da escritura e da leitura, bem como a materialidade de seus suportes.

Pode-se dizer que, para Antonio Cândido, se não existe um sistema literário, não se pode falar de literatura no sentido de práticas sociais específicas e socialmente reconhecidas e aceitas. Ou seja, não há literatura sem um sistema literário⁶ e, a partir daí, a *Formação da literatura brasileira* vai dedicar-se ao estudo da fundação, desenvolvimento

e consolidação do sistema literário brasileiro, por meio do qual certos escritos *se tornam literatura*.

Com base nesse pressuposto, a *Formação da literatura brasileira* localiza as origens do sistema literário brasileiro em meados do século XVIII e considera completa sua formação em meados do século XIX. Traduzindo-se tais datas na cronologia dos estilos literários ocidentais que aqui aportaram, tem-se o início do sistema literário brasileiro no neoclassicismo e sua maturidade no romantismo, períodos que, respectivamente, abrem e fecham a *Formação da literatura brasileira* :

O momento decisivo em que as manifestações literárias vão adquirir, no Brasil, características orgânicas de um sistema é marcado por três correntes principais de gosto e pensamento: o Neoclassicismo, a Ilustração, o Arcadismo (p. 45). [...] os escritores brasileiros que, em Portugal ou aqui, escrevem entre, digamos, 1750 (início da atividade literária de Cláudio [Manuel da Costa, ml]) e 1836 (iniciativa consciente de modificação literária com a *Niterói*) tais escritores lançaram as bases de uma literatura brasileira orgânica, como sistema coerente e não manifestações isoladas (p. 75).

Muitos leitores, no entanto, lêem a *Formação da literatura brasileira* – presença constante nas bibliografias de cursos universitários de literatura – como se a obra pretendesse *historiar* a literatura brasileira, ou constituísse um *manual de literatura*. É dessa perspectiva – evidentemente equivocada – que tais leitores ficam com a sensação de que falta ao livro o que vem antes e o que

vem depois dessas balizas.

De circulação privilegiada em cursos de letras, onde a literatura brasileira costuma assumir recorte historiográfico no interior de disciplinas cronologicamente dispostas ao longo de vários semestres, é possível que tais expectativas se construam pelo contágio com a leitura de outros textos que oferecem como completo o recorte historiográfico/cronológico que operam ou que assumem esse recorte por força do contexto (o curso) no qual decorre sua leitura.

Para fora das salas de aula, no entanto, a leitura da *Formação da literatura brasileira* também desaponta outros leitores, menos ingênuos do que os estudantes que reclamam porque a *Formação...* não lhes fornece informações para um trabalho escolar sobre Olavo Bilac, sobre Oswald de Andrade ou sobre Clarice Lispector.

Haroldo de Campos, por exemplo, num dos últimos turnos da polêmica que o livro de Antonio Cândido provocou e continua provocando, inconformado com o que engenhosa e trocadilhescamente chama de “seqüestro do Barroco”, parece não aceitar a tese de Antonio Cândido. Para Campos,

A exclusão – o “seqüestro” – do Barroco na *Formação da Literatura brasileira* não é, portanto, meramente o resultado objetivo da adoção de uma “orientação histórica”, que timbra em separar literatura como “sistema”, de “manifestações literárias” incipientes e assistemáticas. Tampouco é “histórica”, num sentido unívoco e objetivo, a “perspectiva” que dá pela inexistência de Gregório de Matos para efeito da formação de nossos “sistema literário”

(I,24). Essa exclusão - esse “seqüestro” - e também essa inexistência literária, dados como “históricos” no nível manifesto, são perante uma visão “desconstrutora”, efeitos no nível profundo, latente, do próprio “modelo semiológico” engenhosamente articulado pelo autor da *Formação* (p. 32).⁷

Esta impugnação de Haroldo de Campos, além da epistemologia a que recorre – epistemologia apontada na menção, por exemplo, a uma visão desconstrutora – também se apóia na *paideuma* que Campos elege para sua própria poesia, na qual Gregório de Matos é peça fundamental. De qualquer maneira, a indisponibilidade de edições da obra de Gregório de Matos, que por mais de duzentos anos teve circulação apenas oral e manuscrita, recoloca de forma aguda a questão da materialidade e da leitura para os estudos literários.

A questão pode ser retomada a partir do livro mais recente de Antonio Cândido, *Iniciação à literatura brasileira* –, ⁸ no qual a idéia de um *sistema literário* é trabalhada em mais detalhes, estando a expressão, inclusive, presente no título de dois dos três capítulos da obra. Neste livro o conceito de sistema primeiro se apresenta como especulação teórica:

Entendo por sistema a articulação dos elementos que constituem a atividade literária regular: autores formando um conjunto virtual, e veículos que permitem seu relacionamento, definindo uma vida literária : públicos, restritos ou amplos, capazes de ler ou de ouvir as obras, permitindo com isso que elas circulem e atuem; tradição, que é o reconhecimento de obras e autores precedentes, fun-

cionando como exemplo ou justificativa daquilo que se quer fazer, mesmo que seja para rejeitar (p. 15).

Mais a frente na obra, a noção de “sistema literário” apresenta-se como categoria crítica que ilumina o enfoque dado a certos momentos, autores e obras da literatura brasileira. Ao tratar do naturalismo no Brasil, por exemplo, Antonio Cândido parece acreditar dispensáveis maiores considerações sobre natureza e história do sistema literário, limitando-se a mencionar, com *naturalidade*, a inscrição deste estilo num sistema literário já completo e maduro:

Nesse tempo podemos considerar como configurado e amadurecido o sistema literário do Brasil, ou seja, uma literatura que não consta mais de produções isoladas, mesmo devida a autores eminentes, mas é atividade regular de um conjunto numeroso de escritores, exprimindo-se através de veículos que asseguram a difusão dos escritos e reconhecendo que, a despeito das influências estrangeiras normais, já podem ter como ponto de referência uma tradição local (p. 52).

Assim, nos arredores do movimento abolicionista e republicano – cujas reivindicações se concretizam, respectivamente em 1888 e 1889 –, na perspectiva de Antonio Cândido, o sistema literário brasileiro já está consolidado, tendo já cumprido um longo processo de maturação, cujas primeiras configurações coincidem com o *boom* econômico da mineração e o conseqüente encorpamento da vida urbana brasileira, em torno principalmente da cidade de Vila Rica, a atual Ouro Preto.⁹

É esse espessamento da vida urbana em Vila Rica que torna possível, pela primeira vez, a reunião num mesmo espaço social e geográfico de escritores, obras e público institucional e textualmente articulados, que, para o crítico, são instâncias essenciais para a configuração de um *sistema literário*.

A metade do século XVIII e a metade do século XIX são, pois, os momentos que, para Antonio Cândido, marcam respectivamente, o surgimento e o amadurecimento do sistema literário brasileiro e, por isso, em sua obra de 1997, o crítico propõe três divisões para a literatura brasileira, que têm por marco a existência ou inexistência de um sistema literário :

- a era das *manifestações literárias*, que se estende do século XVI até meados do século XVIII;
- a era da *configuração do sistema literário*, que se estende de meados do século XVIII até a segunda metade do século XIX;
- a era do *sistema literário consolidado*, que se estende da segunda metade do século XIX até nossos dias (p.14).

Vê-se, então, por que – em nome dos pressupostos teóricos que em 1959 pautam a elaboração da *Formação da literatura brasileira* – autores que se situam antes ou depois do período definido em (2) – *meados do século XVIII até a segunda metade do século XIX* - independentemente da qualidade textual de suas obras, não podem constar da discussão que o livro de Antonio Cândido provoca em 1959.

Explica-se por aí a exclusão de

excelentes escritores anteriores (por exemplo, Gregório de Matos no século dezessete) ou posteriores (por exemplo, Machado de Assis na segunda metade do século XIX), nascendo da mesma matriz a já mencionada distinção entre, de um lado, *manifestações literárias* e, de outro, *literatura*

Em 1960, quando José Aderaldo Castelo – posteriormente parceiro de Antonio Cândido na organização da *Presença da literatura brasileira* – publica *A literatura brasileira: manifestações literárias da era colonial*¹⁰ a expressão “manifestações literárias” fica consagrada na organização interna do livro, o que se reflete em seu título. A obra de José Aderaldo Castelo adota a expressão com que, no ano anterior, Antonio Cândido havia denominado os duzentos e cinquenta anos anteriores ao surgimento do sistema literário brasileiro.

Com essa obra de J.A Castelo, a oposição entre *literatura* e *manifestações literárias*, definidas ambas a partir da existência ou da inexistência de um sistema literário, já encontra seu lugar na melhor historiografia crítica brasileira.

Aproveitando a importância do conceito de *sistema literário* no método crítico de Antonio Cândido, vale lembrar que ele chegou à crítica literária e ao ensino de literatura depois de um curso de Sociologia, disciplina que ensinou na Universidade de São Paulo entre 1942 e 1958, e que aliou e continua aliando a essa formação sociológica, sólida e duradoura militância política de inspiração socialista.¹¹ Não se estranha, portanto, que essa noção de sistema literário – sobre a qual An-

tonio Cândido sustenta toda sua obra crítica – venha a ter implicações ao mesmo tempo teóricas e políticas.

Talvez apenas hoje se possam avaliar essas implicações, já que são contemporâneas nossas certas formulações que trazem para os estudos literários elementos que constituem o que Antonio Cândido, em 1959, intuiu como sistema literário.

As últimas décadas do século XX assistem ao que se poderia chamar de reformulação radical dos estudos literários, enriquecidos com perspectivas que, de uma maneira ou de outra trazem, para os domínios dos estudos literários, preocupações com as práticas sociais e individuais de leitura.

Com Jauss, nos anos sessenta, os leitores ganham ingresso na teoria da literatura, com Terry Eagleton as práticas escolares da leitura literária se articulam às discussões do cânon, com Stanley Fish ¹² discute-se o papel das *comunidades interpretativas* na proclamação do que é e do que não é literatura e com Darnton e com Chartier a história da leitura começa a ganhar perfil matizado, incluindo-se nos estudos literários, de forma muito sugestiva, noções de protocolos e de *modos* de leitura, ou seja: a partir dessas contribuições e a partir da trans e inter disciplinariedade que marcam a epistemologia dita “pós-moderna”, já não se pode expulsar para um âmbito *exterior* aos estudos literários áreas de conhecimento – como, a sociologia da literatura, ou teorias da leitura – que podem enriquecer reflexões sobre os componentes que conferem à literarie-

dade sua dimensão social.

É nesse clima e nesse contexto que se pode fazer uma proveitosa retomada da noção de *sistema literário* formulada por Antonio Cândido, buscando sua presença e suas implicações em outras passagens de sua obra, como em seu ensaio “O escritor e o público”,¹³ publicado pela primeira vez em 1955 em *A literatura no Brasil*, organizada por Afrânio Coutinho. A data deste ensaio sugere produção talvez simultânea à escrita da *Formação* nele Antonio Candido discute como:

[...] o escritor numa determinada sociedade, é não apenas o indivíduo capaz de exprimir a sua originalidade (que o delimita e especifica entre todos), mas alguém desempenhando um “papel social”, ocupando uma posição relativa ao seu grupo profissional e correspondendo a certas expectativas dos grupos leitores ou auditores. A matéria e a forma da sua obra dependerão em parte da tensão entre as veleidades profundas e a consonância ao meio, descobrindo um diálogo mais ou menos vivo entre criador e público¹⁴ (p. 219).

A literatura é, pois, um sistema vivo de obras, agindo umas sobre as outras e sobre os leitores; e só vive na medida em que estes a vivem, decifrando-a, aceitando-a, deformando-a. A obra não é um produto fixo, unívoco ante qualquer público; nem este é passivo, homogêneo, registrando uniformemente seu efeito. São dois termos interatuantes a que se junta o autor, termo inicial deste processo de circulação literária, para configurar a realidade da literatura, atuando no tempo¹⁵ (p. 220).

A transcrição acima articula, de

forma bastante sugestiva, a existência de uma prática social chamada de “literatura” à existência *consciente* e socialmente reconhecida de *autores* e de *leitores*, tornando-se a obra um dos veículos do diálogo entre o escritor e seu público. Esse diálogo, no entanto, só é possível no interior de um sistema, que, por sua vez, é histórico e fluído e torna-se mais e mais complexo à medida que a produção do suporte tradicional da literatura – o livro – vai se tornando objeto de pactos sociais cada vez mais complexos, por envolverem cada vez um maior número de profissionais, dos quais se demandam competências distintas, para não mencionar as alterações que imprime ao sistema o surgimento de outros suportes como revistas e, mais recentemente, *e-books*.

Dessa perspectiva, é talvez apenas por inércia – e uma inércia que rende altos dividendos epistemológicos e ideológicos – que chamamos igualmente de literatura o que produzem Jorge Amado, Clarice Lispector, José Saramago e Raquel de Queirós e o que produziam, a seu tempo, Homero, os poetas homéricos, Virgílio e os trovadores medievais, para não comparar esse time antiquíssimo com seus pares mais contemporâneos, como Stephen King, João Ubaldo Ribeiro e Mário Prata quando publicam suas obras na *web*.

No panorama da poesia medieval portuguesa, por exemplo, a relação entre autor, obra e público ocorria quase sem intermediários, fazendo o artista a apresentação de suas obras diretamente *em presença* de seu público, no máxi-

mo com o concurso de outros artistas – músicos e bailadeiras quando fosse o caso. A cantiga medieval portuguesa “Ai flores, ai flores do verde pino,” por exemplo, se prescindia do suporte material do livro para sua circulação (e prescindiu até a organização dos cancioneiros), não prescindia de uma *performance*, num sistema literário tão eficiente como o nosso, mas que, aos nossos pós-modernos olhos, parece de extrema simplicidade, sobretudo quando comparado à sofisticação da indústria gráfica contemporânea, dos sistemas de distribuição de livros e dos mecanismos de consagração de escritores.

À medida que passa o tempo, parece que as mediações entre o artista e o público, bem como as mediações entre o artista e a obra, tornam-se mais e mais numerosas e não poucas vezes invisibilizadas. Elas se alteram, por exemplo, na passagem da literatura oral para a escrita e, depois, na passagem dos textos escritos para os impressos, e, mais recentemente, na passagem dos textos impressos para os eletrônicos.

Nessa perspectiva, a retomada e o aprofundamento da noção de *sistema literário* podem constituir um passo importante para tornar os estudos literários mais rigorosos, particularmente os estudos literários em países latino-americanos, onde o surgimento e adensamento dos sistemas culturais da escritura – entre os quais o sistema literário – são mais visíveis do que em outras partes do planeta. Aqui, seu nascimento foi *ex-abrupto* e sua existência é instável, ao contrário do que parece ocorrer, por exemplo, na velha

e paradigmática Europa.

No contexto europeu, o caráter processual e as diferentes etapas de constituição do sistema literário têm pouca nitidez : sua completa integração aos demais aparelhos culturais – com os quais mantém relações de complementaridade – parece gerar um efeito de *naturalização* de tal processo. Já na cultura latino-americana, e particularmente no Brasil, o processo de constituição do sistema é visibilíssimo em virtude da peculiaridade de nossa colonização: aqui, parece ocorrer o inverso da invisibilização em função, primeiro da ausência e, depois, do surgimento dificultoso e sempre inconcluso das condições de infra-estrutura essenciais à formação de um sistema literário¹⁶ tal como Antonio Cândido parece concebê-lo, tudo aqui é frontal e explícito.

É, assim, para esse tão necessário conhecimento mais preciso da natureza e das manifestações históricas dos sistemas literários que questões de leitura podem contribuir ao identificarem certos traços constituintes dele.

O interesse por alguns desses traços manifesta-se, inclusive em outros ensaios de Antonio Cândido, escritos simultânea ou posteriormente à *Formação*. Em *Literatura e cultura de 1900 a 1914*, publicado em 1953 na Alemanha (e em 1965 no Brasil, na obra *Literatura e sociedade*), o crítico menciona a alfabetização, as diferentes formas de articulação entre o escritor e seus leitores ou, ainda, os vários suportes da escritura (responsáveis por uma constante redefinição das relações do escritor com os públicos) como elemen-

tos constituintes do sistema literário.

Muitos desses ensaios nos quais a noção de *sistema literário* vai adquirindo concretude e historicidade incluem-se na antologia de Antonio Cândido recém organizada por Jorge Ruedas de La Serna e Antonio Arnoni Prado e lançada no México pela Siglo XXI.¹⁷ Um aspecto extremamente inovador e positivo desta coleção mexicana é que a sequência cronológica na qual os ensaios de Antonio Cândido se apresentam permite ao leitor perceber a presença crescente e cada vez mais encorpada de *instituições e protocolos literários*, que, ao lado de *discursos* sobre a literatura, parecem representar, no pensamento do crítico, a materialização de alguns constituintes do sistema literário.

Nesse sentido, é muito sugestivo que o fecho da coleção seja um dos últimos ensaios de Antonio Cândido, originalmente intitulado “Os ultramarinos” e que trata da “Arcádia ultramarina”.¹⁸ Esta Arcádia – filial na América Portuguesa da Arcádia Romana – é um bom exemplo da diversidade dos componentes de um sistema literário.

No ensaio em que se ocupa da Arcádia Ultramarina, Antonio Cândido começa por elencar alguns dos diversos componentes de um sistema literário, destacando entre eles a sociabilidade que se instaura entre os escritores e os intelectuais em geral. Essa sociabilidade, para o crítico, constitui a base da *vida literária* e configura-se como uma espécie de rede de relacionamentos interpessoais, relacionamentos nos quais há espaço para influência, para a polêmica, para o partilhamento de

posições estéticas e aos quais não faltam, inclusive, rituais de iniciação e de incorporação cultural.

Este documento – de cuja curiosa história se ocupa o texto do Dr. José Mindlin – identificado apenas na última década do século XX e pela primeira vez aqui publicado, confirma a hipótese que Antonio Cândido levanta e defende em 1959. Essa hipótese – na realidade a tese da *Formação da literatura brasileira* – sustenta que na segunda metade do século XVIII a colônia portuguesa na América já dispunha do aparato cultural mínimo necessário para a configuração de um sistema literário nos moldes da Europa de então.

O documento comprova a hipótese da existência desta *Colônia ultramarina* e, ao fazê-lo, fortalece com a materialidade das instituições corporativas a tese da existência de um sistema literário na Vila Rica onde surgiram os poetas neoclássicos: trata-se do diploma de aceitação na Arcádia de Joaquim Inácio de Seixas Brandão, sob o pseudônimo arcádico de Driasio Erimanteo. Como, salvo engano, esse poeta não é mencionado em nenhuma das histórias literárias que se ocuparam do arcadismo brasileiro, não deixa de ser irônico que seja sua aceitação na Arcádia um argumento forte na discussão da presença de um sistema literário na Vila Rica do século XVIII brasileiro. Mas, além de irônico, o fato aponta ainda para uma eventual irrelevância, no bojo de um pensamento crítico comprometido com a dimensão *sistêmica* da literatura, de questões de qualidade estética.

A partir deste texto já se pode

avançar em reflexões sobre as três instâncias básicas de um sistema literário enunciadas por Antonio Cândido: - autores, obras e públicos. Essas só adquirem eficácia epistemológica quando apreendidas na particularidade concreta das situações históricas que as configuram desta ou daquela maneira. E uma ou outra maneira de sua configuração apóiam-se nas práticas de leitura vigentes em diferentes momentos e em diferentes segmentos da comunidade. Daí a constante mutação dos elementos e da configuração dos sistemas literários.

Talvez se possa, mesmo, dizer que apenas hoje é possível discernir com mais clareza o perfil instável dos sistemas literários, precisamente porque suas formas mais tradicionais e ortodoxas – ou seja, as formas que os ditos sistemas foram assumindo na tradição de recorte europeu desde a invenção da imprensa por Guttenberg – passam hoje por riscos sérios de esgotamento histórico: talvez a presença insistente do mundo dos livros e particularmente do mundo dos livros literários na cinematografia hollywoodiana represente um *réquiem* visual, simultaneísta e em technicolor de um mídia verbal, linear e em branco e preto cujo sistema pelo qual circula somente agora recebe estudos mais específicos.

Tais estudos serão tanto mais produtivos quanto mais se detiverem nas diferentes formas de interação entre *autores, obras e públicos* no bojo de diferentes tradições. Discernir e identificar tais interações e mediações pode ser tarefa interessante para quem

quiser dar prosseguimento à perspectiva crítica de Antonio Cândido. Numa primeira mirada, essas mediações e interações articulam-se de diferentes formas às condições de leitura – públicas e privadas – disponíveis na sociedade, e incluem a existência de um sistema que assegure :

- a) capacidade de leitura da comunidade ;
- b) disponibilidade de tecnologia adequada para produção e multiplicação de livros;
- c) inserção do livro na economia de mercado, de forma que ele tenha um *valor econômico* em função do qual se estabelecem as remunerações dos vários profissionais envolvidos na sua produção e distribuição ;
- d) existência de instituições por meio das quais os livros circulem na sociedade ;
- e) presença do livro e de seus entornos no imaginário coletivo, com sinal positivo;
- f) existência de práticas discursivas que estabeleçam;
 - a *literariedade* de alguns textos (teoria e história literárias, ensino de literatura);
 - a correção e a superioridade de algumas leituras em detrimento de outras (crítica literária, ensino de literatura);

Este último item que bem se poderia chamar de “formação discursiva da literatura”, talvez seja o constituinte mais abstrato e inconsútil de um sistema literário. E talvez por ser o mais abstrato, é dele que se ocupa o último

capítulo da *Formação da literatura brasileira*. Sob o título “ A consciência literária” fecham o livro os ensaios nos quais Antonio Cândido discute, como indicam seus títulos,

- Raízes da crítica romântica ;
- Teoria da literatura brasileira;
- Crítica retórica;
- Formação do cânon brasileiro;
- A crítica viva.

Sob esses títulos encontram-se estudos da formação do discurso histórico-crítico sem o qual não há literatura. É esse discurso histórico-crítico que proclama certos textos como “literários” e outros como “não literários”; que valoriza e sanciona alguns destes textos literários como “excelentes”, outros como “menos excelentes” e ainda outros como francamente “muito ruins”. É esse discurso histórico-crítico que estabelece o pacto da literatura que qualifica as obras a partir dos critérios estabelecidos por tais discursos.

É a partir do cumprimento dessa tarefa de construção da formação discursiva da literatura – da qual se ocupam com o entusiasmo dos pioneiros os membros do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro – que o sistema literário brasileiro ganha seu atestado de maturidade, já que se torna autocentrado e auto-reprodutor. Nas palavras do crítico, o livro se encerra apontando

[...] o esforço decisivo no setor do conhecimento de nossa literatura, promovendo a identificação e avaliação dos autores do passado, publicando as suas obras, traçando as suas biografias, até criar o conjunto orgânico do que hoje entendemos por literatura brasileira - um cânon cujos elementos reuniu para

que Sílvia Romero o definisse. Devemos, pois, entender por crítica, no período estudado, em primeiro lugar as definições e interpretações gerais da literatura brasileira ; em seguida, os esforços para criar uma história literária, superando a crítica estática e superficial do passado; finalmente, as manifestações vivas da opinião a propósito da arte literária e de seus produtos atuais (II, p. 322).

Como componente mais abstrata e inconsútil do sistema literário, o discurso histórico-crítico talvez seja a instância pela qual se apaga ou se atenua muito a materialidade de qualquer sistema literário. E se a história e a crítica literárias são os componentes mais abstratos desse sistema, o mais concreto é o sistema escolar, base sem a qual não ocorrem alfabetização e letramento da comunidade a ser transformada em *público*.

É na escola que começa a desenvolver-se a competência inicial de leitura, que aqui pode ser entendida como o princípio da familiaridade com os códigos da escrita. Seguem-se a essa leitura-decifração do $b+a=ba$ a iniciação e a infinita aprendizagem de modos de leitura mais sofisticados, como a leitura específica da literariedade. Essa *educação literária* fica a cargo das séries escolares posteriores à alfabetização, e coroa-se no curso universitário de letras, no qual o estudante aprende a valorizar certos livros e a desvalorizar outros, a valorizar certos gêneros e desvalorizar outros

e a interpretar certos livros de certas maneiras de não de outras.

Posto isso, pode-se retomar a idéia de que a pesquisa das formas de existência, em diferentes momentos, de cada um dos constituintes do sistema literário da literatura brasileira pode ser uma primeira tarefa de uma agenda para estudos literários brasileiros que queira inscrever-se na linha teórica que Antonio Cândido funda em 1959.

Talvez o estudo comparativo da formação e desenvolvimento dos sistemas literários da América Latina seja outro passo desta mesma agenda, comprometida com uma leitura das literaturas latino-americanas e com uma teoria da literatura que responda de forma adequada à questão que coloca o poema de um poeta contemporâneo nosso e com o qual se fecha este texto :

Rompendo uma após outra,
Camadas sucessivas
De engano sobre engodo
Em círculos concêntricos
Atinge-se – através
Da crítica ortodoxa ao
Discurso sobre o método
Sincrônico, aliada à
dialética, ou seja, um
corte epistemológico
fatal - o assim chamado
Brasil que, todavia
equivoco verídico,
resiste sempre à análise,
driblando assim, a nossa
raquítica hermenêutica¹⁹

Abstract

This essay discusses the consequences of the fading notion of reading in the discussions on literature. From the notion of literary system established by Antonio Cândido em A formação da literatura brasileira (1959), it presents ways of including the concept reading practices in socio-historical literary theories.

Key-words: Reading; literary system

Bibliografia

AGUIAR, Flávio (Org.). *Antonio Cândido: pensamento e militância*. SP: Edição Fundação Perseu Abramo/ Humanitas – FFLCH-USP. 1999

ANTONIO CANDIDO. *Iniciação à literatura brasileira* SP: Humanitas, 3ª ed. 1999. 1ª. ed. 1997.

_____. *Estruendo y liberación. Ensayos críticos*. Organización, edición, presentación y notas de Jorge Ruedas de la serna y Antonio Arnoni Prado. Mexico: Siglo XXI. 2000

_____. *Formação da literatura brasileira* (momentos decisivos) 2. ed. São Paulo: Livraria Martins Editora. v. 1.

_____. Vários escritos. 3. ed. cor. e aum.. São Paulo: Duas Cidades. 1995 (215-231)

_____. *Literatura e sociedade* São Paulo: Cia Editora Nacional. 1975.

CAMPOS, Haroldo de. *O seqüestro do Barroco na formação da literatura brasileira: o caso Gregório de Mattos*. Salvador: FCJA, 1989

CASTELLO, José Aderaldo *A literatura brasileira* (Manifestações literárias da era colonial 1500 - 1808- 1836) São Paulo: Cultrix. 1965.

COSTA, Horácio (Org.). *Avaliação de uma geração*. São Paulo: Fundação Memorial da América Latina, 1993.

COUTINHO, Afrânio (Dir.); COUTINHO, Eduardo (Co-dir) *A literatura no Brasil*. 3. ed. rev. e atua.. Rio de Janeiro: José Olympio; Niterói: Universidade Federal Fluminense. 1986.

D'INCAO, Maria Angela ; SCARABOTOLLO, Eloísa Faria (Org.). *Dentro do texto, dentro da vida: ensaios sobre Antonio Cândido*. SP: Cia das Letras. Instituto Moreira Salles, 1992

ESBOÇO de figura (homenagem a Antonio Cândido)

HALLEWELL, L. *Books in Brazil: a history of the publishing trade*. London: The scarecrow Press. Inc. 1982

LAJOLO, M. No jardim das letras, o pomo da discórdia. BOLETIM 3/4 ALBS.RGS. p.10-27.1988. Disponível em <http://www.unicamp.br/iel/memória>

LAJOLO, M; ZILBERMAN, R. *A leitura rarefeita*. SP: Ática, 2002.

_____. *A formação da leitura no Brasil*. SP: Ática, 2000.

_____. *O preço da leitura*. SP: Ática, 2001.

Notes

* Versão anterior deste texto foi apresentada no *Seminário Internacional sobre História e literatura : homenagem a Antonio Cândido*. Centro Coordenador y Difusor de Estudos Latinoamericanos . Universidad Nacional Autonoma de México. 21.05.2001, sendo, nesta versão em espanhol., publicado na Revista de Crítica Literária Latinoamericana .Año XXVII, No. 54. Lima- Hanover, 2º sem 2001. p. 07-19

** BUENO, Raul. Planteamientos de (y sobre) l actual crítica literaria latinoamericana in: *Escribir en Hispanoamerica*. Ensayos sobre teoría y crítica literaria . Lima/ Pittsburgh: Latinoamericana Editores. 1991. p 23

1

1930

Artur Mota: História da literatura brasileira

1934	Criação da <i>Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras</i> que viabiliza a criação da USP
1936	Lúcia Miguel Pereira: <i>Biografia de Machado de Assis</i>
1938	Nélson Werneck Sodré: <i>História da literatura brasileira</i> (seus fundamentos econômicos) RJ Civilização brasileira
1940	2ª. ed. Nélson Werneck Sodré: <i>História da literatura brasileira</i> (seus fundamentos econômicos) RJ Civilização brasileira
1942	Separação, na USP, da cadeira <i>Literatura luso brasileira</i> em <i>Literatura brasileira</i> e <i>Literatura portuguesa</i>
1950	Lúcia Miguel Pereira: <i>História da literatura brasileira</i> . Prosa de ficção. 1870-1920 RJ : José Olympio MEC
1957	Início da série <i>Nossos Clássicos</i> (Editora Agir)
1959	Afrânio Coutinho: <i>A literatura no Brasil</i> . RJ. Livraria São José Otto Maria Carpeaux : 1º. vol. <i>História da literatura ocidental</i> . Antonio Cândido, ainda professor da Sociologia, pede a criação da área Teoria Geral da Literatura
1960	José Aderaldo Castelo : <i>A literatura brasileira (manifestações literárias da era colonial)</i> 2ª. ed. Nélson Werneck Sodré: <i>História da literatura brasileira</i> (seus fundamentos econômicos) RJ Civilização brasileira
1961	Antonio Soares Amora, Sigismundo Spina, Massaud Moises : <i>Presença na literatura portuguesa</i>
1962	A disciplina <i>Linguística</i> passa a integrar o currículo mínimo das Faculdades de Letras
1963 ou 7	Antonio Soares Amora: <i>A literatura brasileira: o romantismo</i> (Ed. Cultrix)
1964	Início da série <i>Cadernos do Povo Brasileiro</i> (Editora Civilização Brasileira) Antonio Cândido e José Aderaldo Castelo : <i>Presença da literatura brasileira</i>
1965	Massaud Moises : <i>A criação literária</i>
1966	Massaud Moises : <i>A literatura Brasileira: o simbolismo</i> (Ed. Cultrix)
1967	Vitor Manuel de Aguiar e Silva: <i>Teoria da literatura</i>
1968	Início da série <i>Debates</i> (Editora Perspectiva)
1970	Alfredo Bosi : <i>História concisa da literatura brasileira</i> . SP. Cultrix Início da série <i>Bom livro</i> (Editora Ática) 1ª. Bienal do Livro de São Paulo
1973	Alfredo Bosi : <i>A literatura brasileira : o pré-modernismo</i> . SP: Editora Cultrix <i>Projeto Encontro Marcado</i>
1976	Criação da <i>Associação Paulista de Professores de Língua e Literatura</i>
1977	José Guilherme Merquior: <i>De Anchieta a Euclides</i> (Liv. José Olympio. Col. Documentos Brasileiros) Fundação do jornal <i>Leia livros</i> (Editora Brasiliense)
1978	Início da série <i>Os pensadores</i> (Editora Abril)
1980	Início da série <i>Primeiros passos</i> (Editora Brasiliense)
1981	Criação da Associação de Leitura do Brasil
1985	Início da série <i>Fundamentos e princípios</i> (Editora Ática)
1986	Criação da <i>Associação Nacional de Pesquisa em Letras e Linguística</i>
1988	Criação da <i>Abralic</i>

- ² Na introdução à obra *Capítulos de literatura colonial* de Sérgio Buarque de Holanda, Antonio cândido levanta a hipótese de que a obra póstuma do historiador teria sido composta para vir a ser o sétimo volume de uma “história da literatura brasileira planejada no começo

dos anos de 1940 por Álvaro Lins para a Editora José Olympio. O conjunto deveria ter 15 volumes, segundo um plano excelente que previa obras sobre sociedade e a cultura (Gilberto Freyre), o pensamento (Barreto Filho), a língua literária (Abgar Renault), as influências estrangeiras (Paulo Rónai), os vínculos portugueses (Fidelino de Figueiredo), a literatura oral (Luís da Câmara Cascudo). A estes seguiam as unidades por assim dizer específicas sobre os períodos e gêneros, a cargo de Sérgio Buarque de Holanda, Roberto Alvim Correia, Lúcia Miguel Pereira, Astrogildo Pereira, Otávio Tarquínio de Sousa, Aurélio Buarque de Holanda, Alceu Amoroso Lima e o próprio organizador, Álvaro Lins. No final das contas, só foram publicados o 6º. volume, *Literatura oral*, de Luís da Câmara Cascudo, em 1952, precedido em 1950 pelo 12º., *Prosa de ficção* (de 1870 a 1920), de Lúcia Miguel Pereira. Um memorando da Editora José Olympio mostra que, de janeiro de 1943 a junho de 1945, Sérgio recebeu adiamentos por conta do seu volume (a última data aparece como 1955, lapso evidente) p. 09

- ³ Realitivamente ao ensino de literatura nos cursos de Letras cf Lajolo, M *No jardim das letras, o pomo da discórdia*. Boletim 3/4 ALBS.RGS. p.10-27.1988. Disponível em <http://www.unicamp.br/iel/memória>
- ⁴ Antonio Cândido. *Formação da literatura brasileira* (momentos decisivos) São Paulo: Livraria Martins Editora. 1º. vol. 2ª. ed. revista. Nas citações, os algarismos romanos indicam o volum e os arábicos a página da qual foram extraídos os textos transcritos.
- ⁵ Zilberman, Rgina Abrindo Memórias póstumas apud Subjetividade e escrita. Robson Pereira Gonçalves (org) Bauru,SP/ Santa Maria EDUSC/Editora UFSM 2000 p. 13-31
- ⁶ Pode ser promissora um a comparação entre esta teoria de “sistema literário” formulada por Antonio Cândido no final dos anos cinquenta do século passado e a noção de “campo literário” formulada por Bourdieu em 1992, formalizada em *Les règles de l'art: Genèse et structure du champ littéraire*
- ⁷ Campos, Haroldo de. *O seqüestro do Barroco na formação da literatura brasileira: o caso Gregório de Mattos*. Salvador: FCJA, 1989
- ⁸ Antonio Candido. - *Iniciação à literatura brasileira* SP: Humanitas, 3ª ed. 1999. 1ª. ed. 1997.
- ⁹ Dados da demografia da época, ainda que precários, indicam, efetivamente, uma célere urbanização da região, o que faz supor o igualmente célere desenvolvimento dos aparatos culturais urbanos, ainda que com as restrições que a política colonial portuguesa impunha, em suas colônias, às coisas da cultura. Cifras citadas por Hallowell são sugestivas: os 5 mil habitantes de Vila Rica em 1710 (contra os mais de 20 mil habitantes de Salvador, os 12 mil de Recife e os seis mil do Rio de Janeiro) pulam em 1720 para quinze mil (contra os 25 mil de Salvador, 15 mil de Recife e dez mil do Rio de Janeiro), dobrando para 30 mil em 1730, quando se iguala a Salvador, supera Recife (20 mil habitantes) e o Rio de Janeiro (15 mil habitantes). Em 1740, a população de Vila Rica é superior à de todas as outras cidades brasileiras tem 50 mil habitantes,

enquanto Salvador conta com 35 mil, Recife com 25 mil e o Rio de Janeiro com 20 mil habitantes. A partir de 1750, no entanto, a tendência inverte-se, embora Vila Rica mantenha a hegemonia: tem 45 mil habitantes, o que continua superando os quase 38 mil habitantes de Salvador, os 30 mil de Recife e os 25 mil do Rio de Janeiro. A partir de 1760 o decréscimo populacional da região do outro se acentua, igualando –se ainda neste ano, no entanto, a população de Vila Rica à de Salvador na cifra dos 40 mil habitantes, contra os 32 mil de Recife e os trinta mil do Rio de Janeiro.

¹⁰ Esta obra constitui o primeiro volume de uma série intitulada “A literatura brasileira”, por sua vez parte do “Roteiro das grandes literaturas” planejada pela editora Cultrix e hoje re-editada em parceria com a Edusp. Na orelha da segunda edição do livro de J. A. Castelo, a informação relativa ao *interesse com que o público universitário recebeu este livro, hoje adotado em faculdades de Letras de vários estados brasileiros* confirma a importância da universidade como destinação prioritária da vasta produção historiográfica relativa à literatura brasileira posterior aos anos 50 e só mais recentemente substituídas por produção com outros nortes epistemológicos que não historiográficos (texto meu).

¹¹ Na apresentação de *Raízes do Brasil*, de Sérgio Buarque de Holanda, Antonio Cândido refere-se “àqueles que, como eu, adotavam posições de esquerda, comunistas e socialistas, coerentemente militantes ou participando apenas por suas idéias (129)

¹² Fish, Stanley : Is there a text in this class? The authority of interpretive communities. 1980

¹³ Este texto foi inicialmente publicado como capítulo da obra coletiva dirigida por Afrânio Coutinho *A literatura no Brasil* [Coutinho, Afrânio (dir) e Coutinho, Eduardo (co-dir) *A literatura no Brasil*. Rio de Janeiro: José Olympio Editora; Niterói: Universidade Federal Fluminense. 3ª. ed. revista e atualizada. 1986 [p. 219-230]] e republicado com o mesmo título em *Literatura e Sociedade* (Antonio Cândido: *Literatura e Sociedade* São Paulo: Cia Editora Nacional. 1975 (p. 73-107)

¹⁴ Coutinho, Afrânio (dir) e Coutinho, Eduardo (co-dir) *A literatura no Brasil*. Rio de Janeiro: José Olympio Editora; Niterói: Universidade Federal Fluminense. 3ª. ed. revista e atualizada. 1986

¹⁵ id. Ib

¹⁶ Relativamente à pouca consistência de práticas de leitura no Brasil bem como à infra-estrutura articulada a tais práticas, conferir Lajolo, Marisa e Zilberman, Regina: *A leitura rarefeita*. SP: Editora Ática. 2002 ; *O preço da leitura*. SP: Editora Ática. 2001 ; *A formação da leitura no Brasil*. SP: Editora Ática. 2000..

¹⁷ Antonio Candido. *Estruendo y liberación. Ensayos críticos*. Organización, edición, presentación y notas de Jorge Ruedas de la Serna y Antonio Arnoni Prado. Mexico: Siglo XXI. 2000

¹⁸ Este ensaio foi originalmente publicado em 1993 (IX Anuário do Museu da Inconfidência, Ouro preto 1993. p. 130-137) e depois incluído na 3ª. Edição do livro *Vários escritos* (Antonio Candido: *Vários escritos*. 3ª. ed. corrigida e aumentada. São Paulo: Duas Cidades. 1995 (215-231)

¹⁹ Ascher, Nelson. “ O nacional popular” apud *Avaliação de uma geração*. Org. Horácio Costa. São Paulo: Fundação Memorial da América Latina, 1993 p. 199